

Bornhausen e suas histórias

Presidente do PFL fala dos bastidores da política em biografia escrita por jornalista

LUÍS OSVALDO GROSSMANN
DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

BRASÍLIA – “Bornhausen, você é testemunha para a História! Xingaram minha mãe”. Hoje senador e presidente nacional do PFL, Jorge Bornhausen ouviu, incrédulo, a exclamação do então presidente João Batista Figueiredo. Era novembro de 1979 e o último dos generais-presidentes fazia a pri-

meira visita oficial a Santa Catarina. Bornhausen era governador biônico, confirmado pela Assembleia Legislativa do Estado após a indicação dos militares.

Ele recebera Figueiredo no Palácio do Governo na primeira etapa da agenda em Florianópolis, mas c u s t a v a a acreditar na reação do presidente aos gritos de “p.q.p.” que manifestan-

tes disparavam da praça em frente à sede do governo.

Maior foi a surpresa quando Figueiredo, dirigindo-se às escadas para sair do Palácio, emendou:

– Vou lá embaixo resolver na porrada.

“Tomar ao pé da letra um insulto tão impessoal e vulgar que já se tornara exclamação corrente não me passava pela cabeça. Ainda mais porque estávamos diante de manifestantes organizados que procuravam justamente formas de insolência. Por tudo isso assustava-me, parecia-me absurdo a reação abrupta de Figueiredo”, lembra o senador.

A história é uma das melhores passagens do livro *Quem é... Jorge Bornhausen*, do jornalista Luiz Gutemberg, que será lançado na próxima quarta-feira no Salão Negro do Congresso Nacional. É o segundo volume da coleção Biografias Monitoradas, publicada pelas Edições Dédalo.

O primeiro, também de Gutemberg, tinha como estrela o senador Pedro Simon (PMDB-RS).

Carioca de família catarinense, Jorge Bornhausen entrou na política pelas mãos do pai, ex-senador e ex-governador de Santa Catarina, Irineu Bornhausen. O posto de governador, alcançado em 1979, foi o segundo cargo político. O pai, um dos fundadores da UDN, ligado ao grupo civil que conspirava com o general Castello Branco e que depois organizou a Arena no Estado, indicara o filho Jorge como vice-governador de Celso Ramos, em 1966.

Desde então, Jorge Bornhausen nunca se afastou por muito tempo do centro político. No livro, os depoimentos de Bornhausen lembram ainda sua passagem pelo governo Collor e a participação na gestão de Fernando Henrique, até o rompimento do PFL com o governo após a operação da Polícia Federal no escritório da empresa da ex-governadora e então candidata a presidente, Roseana Sarney. Para Bornhausen, uma conspiração sob a batuta do também candidato José Serra (PSDB).

Na soma da reportagem com as memórias de Bornhausen, surge uma idéia original sobre o sucesso do Plano Real. Para Bornhausen, o então presidente Itamar Franco só permitiu que Fernando Henrique trabalhasse livremente na estruturação do Real porque ficou acuado com a repercussão das imagens ao lado de Lílían Ramos, sem calcinha, no carnaval de 1994.



BORNHAUSEN

“Tomar ao pé da letra um insulto tão impessoal e vulgar que já se tornara exclamação corrente não me passou pela cabeça”

O Real, Figueiredo e o dinheiro da Lunus no livro sobre o presidente do PFL

LILIAN RAMOS E O PLANO REAL

“Foi no carnaval de 94 que o Presidente Itamar foi apresentado à bela Lílían Ramos. (...) Logo provocou ardente paixão em Itamar, como foi documentado pelos tórridos diálogos telefônicos, com juras de amor, que se seguiram ao encontro. O importante é que foram fotografados na noite de domingo de Carnaval e apareceram no dia seguinte nos jornais do mundo inteiro graças a um detalhe revelado pelas fotos: com uma saia mínima, abraçada ao presidente, Lílían Ramos não usava calcinhas. Objeto de todo o tipo de comentário, coberto de ridículo, Itamar sentiu-se acuado. Inseguro e temeroso, retraiu-se, dando chance a que Fernando Henrique e sua equipe avançassem, sem serem atrapalhados. Daí minha conclusão: se Fernando Henrique e sua equipe são os verdadeiros pais do Real,

a musa, sem dúvida, foi Lílían Ramos”.

A REAÇÃO DE FIGUEIREDO

“Assustava-me e parecia absurda a reação abrupta de Figueiredo (...).

– Xingaram minha mãe, eu não admito (...). Vou lá embaixo resolver na porrada. Não entendi imediatamente, a não ser quando passou à minha frente, desvencilhando-se dos homens da segurança, que demoraram a retomar a iniciativa. Só foram alcançá-lo e, finalmente, ultrapassá-lo, para contê-lo, a poucos metros do pequeno grupo de manifestantes. Quando, finalmente, parou, bem protegido, com os manifestantes em fuga, aproximei-me e tentei levá-lo para o carro que nos conduziria para o almoço no município de Palhoça. Ele recusou.

– Não, nada disso. Vamos cumprir o programa”.

O DINHEIRO DA LUNUS

“O episódio tornava-se cada

vez mais nebuloso. O procurador que coordenou as investigações estivera à disposição do ministro da Saúde, José Serra, e a equipe da Polícia Federal fora deslocada de Brasília, com o conhecimento do seu diretor-geral, Agílio, filiado ao PSDB.

O volume de indícios de que a invasão de São Luís era uma conspiração de que participavam funcionários do governo, por ação ou omissão, tornava insustentável para o PFL a manutenção da aliança com o governo.

Entre as agravantes – e talvez a mais reveladora do objetivo da invasão – ocorrera a distribuição suspeita e farta de uma foto que seria emblemática (...) uma mesa com os montes de notas apreendidas nos escritórios da Lunus, em São Luís, perfazendo o total de R 1.300.000. (...) A foto fora providenciada com o evidente intuito de provocar escândalo.”